

## “CONCURSO DE TEXTOS DE AMOR MANUEL A. PINA” (2013)

### Vencedores

#### 1º Prémio

**Alberto Pereira**

**“Árvores nas gavetas”**

Vem depressa enquanto a casa  
ainda me conhece.  
Os corredores apagam-se  
e nos retratos  
Agosto está pálido.  
O quarto está cheio de vento,  
o perfume magoa-se contra a memória.  
Há Inverno nos móveis,  
mas as mãos teimam em visitar  
as árvores nas gavetas.

Vem depressa enquanto a casa  
ainda me conhece.  
Não tarda os ciprestes abrem as janelas  
e os muros reclamarão o meu nome.

Se não chegares a tempo,  
não te preocupes,  
deixarei a morada aos pássaros.

## 2º Prémio

Ana Catarina Santos

### “[In] Fusão”

É a tua ou a minha pele que se levanta?  
Tens o sangue em erupção.  
O meu? Ou o teu?  
Beija-me.  
Esses lábios são os meus.  
Dá-me a mão.  
Aperta-me os poros.  
Sinto o teu coração a bater aqui dentro.  
É o teu.  
Baralhas-me.  
Sente-me agora os mamilos.  
Essa tua língua...  
Essa é a tua.  
Agarra-me, não me saias de dentro.  
Tens o pé a esquentar.  
É a mão.  
Estás tão quente.  
És tu.  
Falta-me o ar.  
E a mim.  
Não me dêes espaço. Nem ar.  
Escorregamos.  
Cheiro a tua pele suada.  
É saliva.  
Beija-me, amor.  
Que calor.  
Morde-me o lábio devagar.  
Divagar.  
É teu este queixo, ou meu?  
Não sei.  
Sussurra-me.  
Namoro-te a orelha.  
Ouves-me?  
Não sei. Sinto-te.  
O meu pescoço vermelho.  
Estou tonta.  
Não me caias.  
As tuas coxas respiram.  
Ofegantes.  
Estremeço.

Tu também?  
Estremeço.  
Sentes-me a cintura.  
Sinto-te.  
Por dentro.  
Deslizo-me.  
Por dentro, meu amor.  
És tu?  
Acho que sou eu.  
Beija-me.  
Com todos os teus lábios.  
E os meus.  
Onde estás?  
Em ti.  
Em mim.  
Beija-nos, então.  
Por dentro.

### 3º Prémio

João Albuquerque

“Exame optométrico”

inocente encantador terrífico é o poema  
criatura inerme desnuda de raias morais  
atreita à ciência do desarranjo sublime  
este por exemplo frustra quem intente  
lê-lo até à última palavra à distância  
mínima de dois metros tanto com os  
olhos ambos abertos como com um  
de cada vez tapado de certificar-se  
que vê perfeitamente nitidamente  
veda ainda ao poeta a entrada no  
comércio da caridade *agende sem  
delongas um exame optométrico*  
ateia antes um fogo mágico cujo  
segredo é coisa diversa de mera  
fonte de luz ou de calor coisa  
outra que se desvela apenas  
incendiada na visão  
cega do amor

# MENÇÕES HONROSAS

**Ademar Neves da Costa**

**“retrato e poesia”**

numa mesa de água  
vejo o teu rosto abstracto  
onde passeia um gato  
no outro lado da chuva  
na janela da maresia  
as mãos trocam o dia  
um gato declama poesia  
com uma orquestra ao teu lado  
o lado que não encontra  
a mão que faz de conta  
que os dias nascem dos gatos  
iluminando os teus braços  
que abraçam a poesia  
onde o teu retrato  
encontra o sol chuva e maresia

**Alberto Pereira**

**“Monólogos do Báltico (Cartas para chover)  
Carta VI”**

Tarde aprendi,  
homem que não fala com o seu Inverno  
cresce-lhe a erva nos olhos.  
O meu pai sempre disse,  
"a mulher é uma árvore de coração movediço,  
quando a resina lhe chega aos lábios  
somos uma imagem em chamas".  
O amor,  
apartamento de duas assoalhadas.  
Uma,  
com vistas magníficas  
que prometem perfumar lâminas.  
A outra,  
espaço onde o tempo repete às vísceras  
o meticuloso acordo paisagístico  
entre a tempestade e a morte.  
Paixão.  
Afinal, a vida não cheira continuamente  
a um piano que toca flores.  
O céu metido em prateleiras  
apaixona-se pela lei da gravidade.  
E cair não é bom para ninguém.  
Também os deuses em contacto com o solo  
imitam o cristal.  
Os meses têm dentes.  
Nas guelras dos beijos,  
versos rodeados de algas.  
Praias à deriva nas fábulas  
negando o arcaico covil da falésia.

E eis-nos,  
eternas fotografias  
onde Tchaikovsky reescreve  
"O lago dos cisnes".

Eis-nos,  
a dar a última demão no vento  
para citarmos de novo  
um corpo que foi Setembro.  
Corpo onde entrávamos nas uvas  
para habitar a embriaguez.

O amor é uma pistola  
que faz férias no paraíso.

## Antero Claudino dos Santos Afonso

### “Amor entre portagens”

Debaixo da magia do luar, em fase de lua cheia, um automóvel passou devagar na portagem e o preço foi mostrado no visor sem perturbar a cumplicidade do casal. O carro seguiu até desaparecer na curva da noite.

Por muito que se esforçasse, os onze anos não lhe permitiam ver claro o mundo dos adultos. Talvez os olhos fossem demasiado pequenos para tal tarefa, ou a vida dos adultos excessivamente complicada. De frente para o espelho, umas vezes sentada, outras vezes de pé, isolava-se, refugiando-se dos outros e de si mesma.

As habituais discussões entre o pai e a mãe terminavam com beijos inesperados. Se ralham tanto, se discutem por tudo e por nada, por que estão sempre aos beijos? A pergunta pairava na sua cabeça, às vezes dias seguidos, às vezes por breves instantes, até ela conseguir arrumá-la no fundo, como uma canção reprimida, um suspiro envergonhado, uma história por contar. A mãe pedia ao pai que se calasse pelo menos alguns segundos, para respirares e gritava que não era como a Anabela, ou a Jacinta, ou a Clara ou a Isabel, ou aquela de cabelos pretos que finge que eu não existo e só tem olhos para ti, ou a loira, verde no olhar, julga-se atriz de novela e nem sabe falar. Não metas as minhas amigas nos nossos assuntos, interrompia o pai. Tantas amigas, para quê? Tu és casado. e ele redarguia, Tens alguma coisa a ver com isso? Então não tenho? És o meu amor. e fazia-se um silêncio em que a minha mãe já não aguentava que o meu pai ficasse calado e o meu coração batia acelerado e o olhar caía-me para o vestido, envergonhada. Silêncio.

Estás calado, não tens nada para dizer? O pai esfregava os olhos, com o polegar e o indicador, ao mesmo tempo, esticando as pálpebras, Queres que te lembre o nome dos teus amigos, aqui, em frente da tua filha? E a mãe, Não queiras comparar o que não tem comparação e ele ia junto dela, dava-lhe um beijo e ela cingia-lhe os braços no pescoço e devolvia o beijo. Olhava-me, então, com um sorriso enorme, bonito de ver, como se fosse a mulher mais feliz do mundo.

O pai sussurrava-lhe ao ouvido alguma coisa que ela apreciava.

Hoje, no dia dos namorados, ameaçam que se vão separar, sempre aos beijos, o que me impressiona imenso.

A mãe diz-lhe que também tem muitos amigos. Eu conheço o João e o Carlos, mas o que irrita mais o meu pai é o Crispim, que não conheço.

Discutem por tudo e por nada.

Ontem, a mãe chegou a casa com um papel na mão, Este recibo, desta portagem, significa o quê? Não foi nenhuma viagem que tenhas feito comigo, pois não? O pai pousou o livro, pegou no papel, olhou primeiro para mim, depois para ela e disse muito calmo, com os olhos a piscar, Eu também não fui, e desataram aos berros.

Aflita, cheia de pena, dei um grito que os fez calar. Olharam para mim e, então disse, de modo a que ambos me pudessem ouvir, Fui eu! E, perante a admiração deles, repeti, Fui eu que fiz essa portagem!

Desataram a rir e abraçaram-me como se eu fosse uma pessoa muito importante. Será amor?

**José Manuel Mascarenhas Pyrrait**

**“Um sonho, meu amor”**

Acabou-se! Desembarcei o novelo de palavras que estavam enredadas, não sei se na garganta ou se estas no coração, porque também há palavras que vem do coração. São as que seduzem, nos beijam ou também nos amarguram e desesperam.

Mas soltei-as.

Aliviado vejo-as partir, sobem no ar como balões leves libertando-me da realidade.

Já posso sonhar. Sabes como?

Imagina.

Vou passeando com o meu "iphone". Música gravada, algumas árias de óperas, música ligeira e eu perguntando-me,

- De que tipo de música gostará ela?

Clássica sei que sim, sobretudo Beethoven. E nada mais sei.

Ligeira não faço ideia.

Que dirias - penso - se me visses agora, sentindo uma música romântica, ouvindo "Outra vez", visualizando-te sentada com as tuas longas pernas cruzadas, a tua cabeça com essa pequena juba encaracolada enchendo os meus olhos fixando a transparência dos teus, sorrindo, e eu terminando baixinho em unísono com a canção\; te amo.

Sei tão pouco de ti e tu tão pouco de mim. Outras vezes parece que sabemos tanto, ou julgamos.

E aumento a passada, estou a ir lento.

Agora Plácido Domingo, "E lucevan le stele", lindo de arrepiar. Gostarias?

Sei tão pouco de ti e tu tão pouco de mim. Outras vezes parece que sabemos tanto, ou julgamos.

O que sonho nesses passeios. O que me interrogo, minha querida, e o que me passa pela imaginação!

E.

Às vezes parece que te ouço,

ouço mesmo,

falo contigo, ouço respostas.

Mas pouco depois já acho que foi sonho de tão distante que me pareces, como numa máquina com "zoom", a tornares-te pequena, a desapareceres.

E de repente. Será real? Não, não pode ser!

Foi quando passei rente à Lello, olhei para dentro, vi-te.

Eras tu sem dúvida.

Debruçada a assinar dedicatórias no teu livro. Seria possível?

Entreí e não consegui calar a pergunta que levei suspensa na minha frente até te alcançar,

- Que te deu, minha querida, para pintares o cabelo assim, prateado?

Levantaste devagar a cabeça, abriste um sorriso estendendo a surpresa até aos olhos e respondeste-me com um ar bem-disposto e gaiato,

- Estás a vê-lo assim porque sonhas, vives um sonho. Ainda não percebeste?

Aproximei-me então do teu ouvido, sentindo o teu cheiro, a insolência do teu cheiro, e dominando a vontade do beijo que te queria dar segredei-te feliz,

- Até quando vai durar nós os dois? O nosso sonho?

- Vai ter a duração de um sonho, disseste. Um tempo infinito enquanto não acordarmos.

Sorri-te e fingi que acreditei porque queria que fosse verdade.

- Vamos, vem comigo. No sonho podes vir.

E insisti aprisionando os teus olhos com os meus,

- Vem, já acabaste as assinaturas.

Agarrei-te na mão e levei-te sem resistência, como gostaria de ter-te levado pelos caminhos da vida que não vivi contigo.

Junto ao carro e antes que fugisses apertei-te pela cintura estreita, sentindo a tua anca magra a roçar na minha, escorregadia por causa do tafetá da saia preta.

Não esperei que o tempo infinito pudesse acabar, beijei-te, louco, mergulhando o meu olhar no azul misterioso e travesso, desafiador, dos olhos que me fitavam. A tua saia, mesmo escorregadia, não conseguia evitar que sentisses a intensidade do meu desejo nem que as tuas pernas encostadas às minhas me enganasses da tua vontade de não acordar.

- Para onde me levas? Sabes se quero ir?

- Para onde o sonho me deixa levar-te, é por isso que podes vir. E sei que queres.

Subimos no elevador já num beijo molhado, corpos unidos num abraço há muito esperado que se desfez a custo quando a porta se abriu.

Lembras-te? Vai ser como no outro sonho.

Eu contei-te.

Sem urgência, sem pressa, como fora naquela noite.

Entrando atrás de ti no quarto, abraçando-te enquanto fechava a porta com o pé, retirando ambos a roupa já com uma precipitação ansiosa para sentir a pele, o calor da pele um do outro, juntas, as bocas perdendo-se sem pudor na exploração dos caminhos do prazer, subindo-te a saia com as mãos, empurrando-te suavemente para cima da cama, ajoelhando, e tu abrindo um pouco as pernas num sorriso de desafio impudico, estimulando o desejo louco dos lábios e da língua que percorriam frementes a pele macia das tuas coxas, até encontrarem a sua convergência no poço húmido, despertando prazeres de desvaire, e depois subindo, subindo devagar, mantendo-te numa espera ansiosa até alcançar a tua boca num beijo sem fim, enquanto te penetrava devagar, depois com força num ritmo conjunto até ao êxtase do grito sufocado, até à exaustão, desejo satisfeito, corpos quietos ao lado um do outro.

Lembras-te? Também foi sonho. Continua a ser sonho.

Depois a prostração do cansaço doce, feito de carícias suaves, loucas, palavras e riso em surdina até ao renascer do desejo, sempre a crescer, recomeçando a luta sem tréguas de dois corpos ansiando atingir os limites da sua paixão.

Só depois, bem depois, quando "o fogo a chama da loucura desatada" queimou tudo o que podia arder em nós, fiquei apreensivo, com medo de acordar.

Será que sonho?

Mas ouvi-te mesmo,

falei contigo.

Não queria acordar, abrir os olhos, sentia que a realidade fora do sonho ia desmenti-lo. E não queria.

Virei a cabeça com medo de não te ver, sabendo que não te ia ver.

Mas, olhando a almofada branca a meu lado, encontrei a marca leve da tua cabeça, e no meio, bem no meio, brilhando como o luar, um cabelo prateado.

**Laura Avelar Ferreira**

**“Quem sabe um dia”**

se encontram num quarto de hotel, um hotel de charme, com cheiro a novo, música lounge  
quartos bem decorados com papel de carta na gaveta da cómoda  
lençóis alvos, janela rasgada para a Broadway.

Quem sabe um dia

se encontram ali, naquele hotel,  
e ficam até no mesmo piso e ficam até no quarto ao lado um do outro.

E pousam as malas ao mesmo tempo  
e abrem, depois, as janelas tão vizinhas  
e encostam-se ao parapeito de olhos vazios:  
ela a fumar e sem pensar em coisas especiais  
ele sem fumar e sem pensar em coisas especiais.

Quem sabe nesse momento

ouvem os mesmos ruídos: os táxis, os saltos altos das mulheres na rua,  
os pregões e o ruído amalgamado de turistas e vida.

Quem sabe nesse momento

fecham a janela ao mesmo tempo e se preparam para sair  
(porque precisam ambos de vida)

e saem, ao mesmo tempo,  
e no momento em que fecham a porta, ao mesmo tempo,  
dão conta um do outro.

E olham-se, ao mesmo tempo, e recuperam naquele momento  
o tempo que passou sem eles

e o tempo comum que eles roubaram ao tempo  
e como estão em nova iorque e na broadway  
uma música soa, familiar - indiscutivelmente a banda sonora do tempo deles -  
e com um sorriso amargo

recapitulam cabelos brancos, rugas, manchas de velhice nas mãos  
reparam olheiras, choros noturnos, desilusões  
perdoam tentativas falhadas, tempo desperdiçado, noites solitárias.  
e quando ouvem

"Walk my way,  
And a thousand violins begin to play,  
Or it might be the sound of your hello,  
That music I hear,  
I get misty, the moment you're near."

dão a mão e encaminham-se sem palavras até ao elevador  
e de mão dada encaminham-se sem palavras para a cidade, que os engole  
e de braço dado encaminham-se sem palavras para a inevitabilidade de certas coisas

(que as palavras não conseguem descrever)  
mas que a boca deles sela, para sempre.

**Marcelina Gama Leandro**

**“Naquela manhã”**

I

Inês descia a rua apressadamente, segurando o xaile sobre o rosto e tentando a todo o custo, que o tacão do sapato não fizesse barulho nas pedras da calçada. As luzes provenientes das janelas das casas, única iluminação existente na rua, socorriam-na nas fugazes olhadelas que dava ao papel, onde a amiga lhe escrevera apressadamente uma morada quase ilegível.

Estacou perante uma porta de madeira verde, onde o número doze de um qualquer metal dourado se destacava e lhe dava a certeza de ter chegado ao seu destino. Contornou a casa pela direita e seguiu o estreito caminho que dava acesso ao pátio traseiro da casa, tal como a amiga lhe dissera, e bateu a porta. Primeiro trémula e quase de um modo inaudível. Respirou fundo. "Já cheguei aqui, agora tem de ser", as lágrimas cresciam sem que ela conseguisse evitar, limpou com o xaile as grossas lágrimas e voltou a bater, desta vez firmemente.

Do interior da casa ouviu o arrastar de uma cadeira. "Está feito, não posso voltar atrás" trincou o lábio e fechou os olhos, enquanto mantinha a cabeça baixa. A porta abriu-se e a luz iluminou-lhe a figura, sem erguer a cabeça ouviu uma voz jovem de homem.

- Se faz favor? - Sem que a resposta viesse, a voz voltou a falar, desta feita um pouco mais alto, - que deseja?

Lentamente Inês abriu os olhos e levantou o rosto, perante ela um homem jovem sem o casaco do fato, apenas de camisa branca e colete, olhava-a sorridente. Os caracóis negros do cabelo brilhavam com a luz que vinha do interior da casa, magro e alto mantinha-se de costas direitas à porta, com a mão pousada descontraída na maçaneta da porta. Os olhos mais belos que Inês alguma vez vira, grandes e intensos, escuros como carvão, não desviavam um segundo dela. Envergonhada sentiu-se corar, com o rosto a arder, tinha de dizer algo.

- Deram-me esta morada, - retirou o papel amarrotado do bolso mostrando-o sobre a luz que provinha de dentro, - para um doutor.

A voz sumira e não seria capaz de dizer mais nada. Sentiu as pernas tremer, "e se me enganei na casa?"

Por momentos ficaram em silêncio, e os breves momentos pareceram longos minutos, o sorriso do homem desfez-se, e este olhou-a perscrutando-a, procurando algo que ela não percebia o que seria.

- Entre. - Desviando-se da entrada, deixou a passagem aberta para que ela entrasse.

Subiu o degrau que separava o pátio da porta e entrou para a cozinha. Bem iluminada e aquecida pelo fogão de lenha, Inês sentiu-se de imediato mais segura, não via nenhuma cozinheira, nem mulher-a-dias, que àquela hora deveria estar a arrumar a cozinha. Sobre a mesa ainda se encontrava a loiça suja do jantar, uma taça de café ainda cheia e um livro aberto. Inês manteve-se atenta e não ouviu nenhum barulho dentro da casa, ouviu a porta fechar-se atrás de si e ficou de pé à espera que o jovem fosse chamar o médico.

- Sente-se aqui nesta cadeira. - Puxando uma das cadeiras da mesa da cozinha, Inês não viu como recusar e sentou-se. - Quer um chá para me fazer companhia enquanto termino o meu café?

Enquanto falava o homem começara já a encher a chaleira e pousou-a sobre o fogão, foi buscar uma chávena ao armário, procurou uma colher e o açucareiro e num instante, a mesa encontrava-se pronta. Serviu-lhe o chá que entretanto ficara pronto e foi-se sentar no lugar,

que antes de ela o interromper, ocupara. Fechou o livro e pôs-se a terminar o café.

- Tenho de terminar o meu café, se não, nem me sinto capaz de pensar eficientemente. Inês queria apenas que aquele homem fosse chamar o médico, tinha pressa e não queria perder tempo, mas ao mesmo tempo, não conseguia falar e impor a sua vontade, perdida naqueles olhos negros, bebericava o chá quente e ouvia a voz meiga que lhe ia falando de trivialidades. Quase se esquecia do que fora ali fazer.

- O chá está bom?

Inês acenava em silêncio, enquanto continuava a aquecer as mãos na chávena quente.

- Não lhe fiz café, porque é demasiado forte e não tenho de outro. Um chá de tília pareceu-me o indicado para uma senhora. - O homem continuava com a chávena de café na mão, mesmo este já tendo terminado. - Tenho ali umas bolachas deliciosas que a minha mãe mandou do Porto. Gosta de gengibre?

Levantou-se antes mesmo de ela ter tempo de responder e começou a abrir o armário mexendo nas latas à procura das bolachas. Aos poucos Inês achou que o homem estaria nervoso. Pouco mais velho que ela, talvez com uns vinte e cinco anos, tinha umas mãos finas sem calos, com unhas cuidadas, de quem não teria um trabalho pesado. Talvez fosse motorista do médico. Sentia calor dentro da cozinha fechada, estava abafada e ainda de xaile sobre as costas, sentia o suor descer-lhe pelas costas.

- Eu não queria importunar, mas, eu não me posso demorar, pois a minha senhora pode dar pela minha falta. - Inês pousou a chávena de chá sobre a mesa, e levantou-se, antes que o jovem lhe oferecesse mais alguma coisa. - Se pudesse chamar o Senhor Doutor, eu agradecia. Atrapalhado o jovem ergueu-se e sacudindo as mãos, aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão. Sorria suavemente e observava-lhe as linhas do rosto. Inês sentiu o coração palpitar cada vez mais depressa e sentia um estranho aperto no estômago, meia zozza, olhava para aquele nariz fino, para a delicada linha dos lábios entreabertos, para os dentes brancos e certos.

- Peço desculpa, ainda não me apresentei. Sou o Doutor Afonso, o médico que veio procurar. Inês sentiu uma tontura e sentiu toda a cozinha andar à roda, os joelhos fraquejaram e a última coisa que viu antes de desmaiar foi o médico sobre ela, tentando segurá-la.

## II

Afonso sentara-se junto da cama e ia alternando as compressas. Depois dela desmaiar ele fora rápido em a trazer para o gabinete médico, onde habitualmente tratava dos doentes. Tirara-lhe o casaco e medira-lhe as tensões, não fora preciso muito para perceber que a jovem se encontrava grávida, tal como desconfiara assim que a ouviu a falar da morada. Nunca a vira na cidade, disso tinha a certeza, nunca esqueceria aquele rosto e aqueles olhos cor de avelã. Suspirou triste por ver aquela rapariga tão nova e tão bonita ali no seu gabinete, aquelas horas da noite. Imaginava o que ela vinha fazer.

Meses atrás ajudara uma moça que se sentira desesperada e se tentara suicidar por se ver grávida, perdera o bebé com a tentativa de suicídio e ele ajudara-a nos dias seguintes a esconder os acontecimentos dos pais. Meses depois ajudara outra jovem que lhe aparecera à noite, à porta, como esta. Viera pedir-lhe ajuda para abortar. Conseguira desencorajá-la e a ir para empregada de uma prima dele, para o Porto, onde teria o filho e depois decidiria o que fazer. Desde aí tinham surgido mais duas raparigas, sempre muito jovens e solteiras. Uma fora para um convento a outra decidira fugir para o Brasil, Afonso ajudara a primeira a entrar num convento longe da cidade em que viviam, à segunda ajudara com o dinheiro da passagem de

barco. Sentia-se terrível por não poder fazer mais.

Ali estava outra rapariga, sozinha, a meio da noite e grávida.

Voltou a trocar a compressa, e uma madeixa do cabelo castanho dela soltou-se. Tentou arranjar o cabelo para trás, mas este teimava em escorregar para o rosto. O cabelo era macio e curioso aproximou-se, sentiu-lhe um suave aroma a pinheiro e madeira e intrigado aproximou-se mais. A respiração era pausada e Afonso via-lhe o peito a subir e a descer ritmadamente. Não ousou afastar-se dela, sentia-lhe o ar quente da respiração, e saboreava o seu perfume como um precioso nectar. Habitado a doentes que recebia diariamente no consultório, não entendia o fascínio que ela provocava em si. Detectou movimento nas pálpebras e afastou-se para não a assustar.

Aos poucos a rapariga foi acordando.

- Com calma, está tudo bem. Foi só um desmaio, estava muito calor na cozinha. - Afonso sorria-lhe confiante, tentando transmitir-lhe tranquilidade. - Toma um pouco de água.

Ajudando-a a erguer-se, levantou um pouco a cabeceira da cama. A rapariga bebericou a água e ficou em silêncio a olhar o copo.

- Como te chamas? - Afonso queria percebê-la melhor, queria conhecê-la, ajudá-la o melhor que conseguisse, o melhor que ela deixasse.

Insegura a rapariga olhou-o, sem saber se deveria ou não dizer-lhe o nome.

- Não precisas de ter medo, o que me contares, fica entre nós. Posso até chamar-te de Maria, por exemplo, se te sentires melhor assim.

Pela primeira vez viu-a sorrir.

- Assim estamos melhor, conta-me lá, para que é que precisas de um médico? - Preferiu não começar a conversa dizendo que já sabia que ela se encontrava grávida.

Afastou o banco um pouco da cama, para lhe dar espaço e esperou que começasse a falar.

A rapariga sentou-se direita, baixando as pernas de cima da cama e arranjou o cabelo que se soltara com toda as atribulações.

- Trabalho como empregada interna na casa de um comerciante. O filho do comerciante levou-me a fazer algo que no início nem percebi bem, foi só uma vez, mas... - a voz fraquejava-lhe e por momentos ficou em silêncio - mas infelizmente aconteceu e agora preciso de resolver isto.

Não posso voltar para os meus pais assim, e o meu patrão, não vai aceitar eu ter um bebé.

As lágrimas começaram a correr assim que dissera bebé. A verbalização do que iria acontecer, fê-la desmoronar. Afonso esticou o braço para ela e segurou-lhe a mão. Sem dizer palavra deixou-a chorar, sentia-se tão próxima daquela rapariga, o simples toque da mão fazia-o desejá-la. Observava-lhe o rosto baixo, memorizando cada linha dele.

- Eu estive a fazer-te alguns testes, - começou por dizer, ao notá-la mais calma, - e está tudo bem contigo, percebes? Contigo e com o teu filho. Ainda estás mesmo no início da gravidez e deves ter cuidado contigo, vou-te dar uns comprimidos que deves tomar todos os dias.

Ela olhava-o muito atenta.

- Para já deves acalmar-te e há várias coisas que podes fazer.

- Mas disseram-me que o doutor ajudava.

- Não. Eu nunca ajudei nenhuma mulher a abortar, nem o farei.

- Mas eu não percebo, eu... - os olhos espelhavam todas as incertezas que a inundavam.

- Eu ajudo-te no que puder e há várias soluções. Ajudei outras raparigas naquilo que elas precisavam, mas para já, não podes decidir nada neste estado. Tens de ir para casa e fazer o que eu te estou a dizer, vais pensar, no que te faria feliz. No que sonhas para a tua vida.

- Eu vinha preparada para tirar o. - as palavras foram substituídas por lágrimas e não conseguia terminar o que começara a dizer.

- Uma alma gentil como a tua, nunca estaria preparada para isso.

Os olhos de Afonso encontraram os dela, e ele quase deixou de respirar ao observar a perfeição da face da rapariga, húmida pelas muitas lágrimas que teimavam não parar. Atrapalhada ela retirou a mão que ainda se encontrava presa nas dele. Levantou-se e começou a perscrutar o escritório à procura da saída. Afonso pegou na caixa de comprimidos que tinha preparado e deu-lha.

- Um por dia, e quero-te ver dentro de quatro ou cinco dias.

Indicando a porta, deixou-a passar e levou-a de novo até à cozinha para que ela pudesse sair pela mesma porta que utilizara para entrar, não ficando assim preocupada com alguém que a pudesse ver.

Saiu apressada despedindo-se com um rápido obrigada e depressa se perdeu na escuridão da noite. Afonso ficou a contemplar a noite, ainda de porta aberta, deixando o frio nocturno arrefecê-lo, sentindo aos poucos o frio tomar conta de si e acalmá-lo. Ficara a pensar na última frase que lhe dissera, "quero-te ver dentro de quatro ou cinco dias". Oh, rezava para que ela não tivesse notado nada. Fora tão pouco profissional, deixara-a ainda mais nervosa do que ela já estava, e se fosse fazer algo terrível? Devia ter-se controlado, ser um verdadeiro médico e ajudá-la. Deixou-se cair na cadeira junto ao fogão, atijando o fogo para que este aquecesse a casa. A imagem da moça não lhe saía da cabeça, aquele olhar fascinava-o, e nem sequer sabia o seu nome.

### III

Com a mão levantada para a porta, hesitou. Porque é que voltava ali? Os cinco dias que passara tinham sido um verdadeiro tormento, sempre a pensar no que fazer, sempre a relembrar a última visita que ali fizera. Sempre a pensar no médico. Isso deixava-a de joelhos fracos. Tinha de ter juízo, aquilo era apenas uma consulta com um doente.

A porta abriu-se, sem que Inês chegasse a bater. A sua frente o médico sorria-lhe e convidava-a a entrar, com um gesto amplo e bem-disposto franqueando-lhe a passagem.

- Estava à tua espera!

Inês nem conseguiu disfarçar o sorriso, primeiro, tímida e depois sorrindo abertamente. Entrou, afastando ligeiramente o xaile da cabeça. Estacou e ficou perplexa a olhar para a mesa posta, bule, açucareiro e canequinhas de leite, com chávenas de porcelana delicada para o chá, complementado com um grande prato de bolachas redondas. A mesa estava deliciosa, e Inês ficou encantada com os pormenores da toalha de mesa azul, combinada com as flores da mesma cor, do conjunto de loiça. Os guardanapos brancos a destacarem-se sobre a toalha mais escura e as brilhantes colheres pousadas sobre estes.

Atrás de si, o médico fez sinal para que ela despisse o casaco e prontamente ajudou-a, guardando-o fora da cozinha. Puxou-lhe a cadeira e deixou-a sentar-se, começando de seguida a servir o chá.

- Preparei um chá, novamente de tília, espero que gostes.

- A mesa está muito bonita. - Inês não conseguia controlar as frases que lhe saiam. - Sim gosto de qualquer chá.

- Oh também gosto, tomo mais café que chá, mas não o dispenso. - Satisfeito por ter conseguido iniciar uma conversa com a paciente, não deixou a conversa esmorecer. - Ah

gostou da mesa?

- Sim, está muito bonita, gosto da cor e dos pormenores. Dou atenção a essas coisas.

A conversa entre eles fluía muito mais que Inês alguma vez esperara. Deu por si a contar-lhe a infância, a falar dos dois irmãos mais novos, dos quais tinha muitas saudades. Ele ouvia-a encantado, sorrindo e rindo-se das traquinices que ela contava que fizera na infância. Falavam como se fossem amigos, conhecidos de longa data e da mesma classe social. Quando Inês ouviu o relógio da sala a bater as onze horas da noite, saltou do lugar.

- Oh estou atrasada, tenho de ir para que não notem a minha ausência. - Apressada começou a levar a loiça para a banca da cozinha.

- Deixa isso, deixa. - Afonso retirou-lhe os pratos das mãos e pousou-os. Agarrou-lhe as mãos e ficou paralisado a observar-lhe o rosto. - Já pensaste no que farás?

Sério, Afonso, segurava-lhe as mãos que tremiam agora entre as suas. Os segundos passaram e os olhos de ambos simplesmente não se queriam desviar. Afonso resistia a todo o custo em se aproximar e Inês lutava para se afastar.

- Não sei. Quero o que todas as raparigas querem, casar, ter uma casa e filhos. - Triste encolhia os ombros. Soltou as mãos e esperou que Afonso fosse buscar-lhe o casaco. Dirigiu-se para a porta. - Obrigado doutor pelo chá.

- Voltas? Por favor, volta! - Afonso sentia o estômago a contorcer-se perante a expectativa da resposta. - Eu fico à tua espera todos os dias.

Sem olhar para trás, Inês saiu para a rua deixando-o sozinho. Começou a chorar assim que contornou a casa e se encontrava na rua. Não voltaria a casa do médico, não podia. Ele era maravilhoso, e ela não conseguia passar os dias sem pensar nele, no que ele se encontrava a fazer, em como o sorriso dele reforçava a cova do queixo. Mas simplesmente não podia lá voltar, iria magoar-se, iria sofrer e aquilo só piorava a situação dela, fazia-a sonhar com algo impossível; em ficar com o filho.

#### IV

Cada minuto da noite passava era num suplício. Afonso esperava, com o livro pousado no colo, numa tentativa vã de se distrair. Pela terceira vez, a mesa estava posta para um chá, desta vez escolhera uma toalha e loiça branca, guardanapos e rosas vermelhas. Ficara indeciso em colocar velas, mas temia que ela se assustasse com o gesto. Tinha comprado rosas frescas e passara as da véspera para o gabinete. E aguardava. Não podia fazer mais nada a não ser esperar, não sabia o nome dela, nem onde trabalhava.

O bater na porta surpreendeu-o; correu para ela, deixando o livro cair ruidosamente no chão. Abriu-a de rompante e ficou sem fôlego, ao vê-la. Todos os minutos tinham valido a pena, nem que fosse apenas para a ver ali. Puxou-a pela mão para dentro da cozinha e no mesmo ritual, sem se falarem, ajudou-a a despir o casaco a sentar-se à mesa e foi aquecer o chá. O silêncio prolongou-se bem mais que da última vez e só quando ambos se encontravam sentados, se olharam fixamente.

- Não consegui deixar de pensar em ti. - A voz teimava em sair como um sussurro a Afonso.

- Eu também não.

- Cada minuto que passei longe de ti, pareceu uma eternidade.

- Eu sei. - As lágrimas cresciam nos olhos de Inês, enquanto a respiração se tornava cada vez mais apressada.

- Eu não sei sequer o teu nome.

- Inês.

Afonso começou a rir-se feliz e levantou-se indo ao seu encontro, abraçou-a e lentamente, para não a assustar, beijou-lhe o rosto, depois os lábios. Os beijos passaram de calmos e discretos para apaixonados e intensos.

V

Os encontros passaram a ser diários e ambos viviam para as poucas horas que podiam passar juntos e sozinhos na casa de Afonso. Mas a felicidade deles parecia nunca ser completa, Inês vivia atormentada. Afonso tentava consola-la, convence-la de que tinham a vida toda pela frente e que a felicidade lhes pertencia, mas Inês não conseguia afastar os pensamentos da gravidez.

Afonso caminhava nervoso percorrendo toda a cozinha nos vários sentidos. Nunca se sentira assim, feliz e preocupado, agitado e ao mesmo tempo calmo por ter a solução para as preocupações de Inês. As batidas na porta retiraram-no do transe em que se encontrava, correu para a porta e vendo a sua amada abraçou-a feliz.

- Estava com tantas saudades, já não aguentava esperar mais.

Puxou-a para a cozinha para que Inês não apanhasse mais frio e só nesse momento reparou no rosto sério dela.

- Que se passa? Porque estás tão séria?

- A minha senhora descobriu que estou grávida. E percebeu logo que o bebe é neto dela.

- Mas tu confirmaste? - Afonso tentava aquecer-lhe as mãos, que ele sentia frias e quase sem vida.

- Eu atralhei-me. Eu não sei mentir e começo logo a chorar. Ela percebeu e disse que o neto ia ficar com ela. - Inês chorava agora, respirando com dificuldade e às golfadas.

Afonso abraçou-a, numa tentativa de consolo.

- Vá, esquece isso. Ela está maluca. Vais sair daquela casa e é já.

Chocada e assustada Inês soltou-se do abraço.

- Oh não posso, para onde é que eu vou? E os meus pais ficariam logo a saber.

- Ficas já cá.

- Oh, não, não. Não posso. - Entre lágrimas Inês começou a caminhar de um lado para o outro.

- Toda a gente saberia. Eu não posso ir viver como uma concubina para a tua casa. E eu não tenho para onde ir.

Afonso agarrou-a pelos ombros, tentando conter o ir e vir nervoso que a tomara.

- Confias em mim Inês?

- Sim. - As lágrimas caindo em silêncio.

- Senta-te aqui então e deixa-me falar. - Com calma, sentou-a numa das cadeiras e puxou uma para si. - Falei ontem com um colega de curso e ofereci-lhe o meu lugar aqui. Ele respondeu-me hoje a aceitar. Chega na próxima semana, percebes?

Aterrorizada Inês olhava-o.

- Vais-me deixar?

- Não sejas tonta. Como é que eu te podia deixar. Amanhã partimos os dois de comboio.

Percebes? - Tirando do bolso do casaco dois bilhetes, mostrava-os a Inês. - Amanhã às dez da manhã encontramos-nos na estação de comboios e partimos.

Inês olhava perplexa para os papéis que Afonso pousara sobre o seu colo.

- Vamos até Coimbra, foi onde eu estudei medicina, e onde tenho muitos amigos. Em dois ou três dias, casamos. É só o tempo de arranjares um vestido bonito e tratar dos papéis. Depois, seguimos para o Gerês. Já estiveste no Gerês?

Chorosa, Inês abanava a cabeça.

- Então, vês! Passamos lá duas semanas de lua-de-mel e depois vamos para a casa dos meus pais. Eles ficarão muito contentes em receber-nos e em saber que vão ter um neto.

- Neto? Mas Afonso, a minha senhora não vai deixar!

- Ela não manda em ti, eu perfilho o bebé quando ele nascer e ele será o meu filho.

- Oh parece tudo tão simples, mas - trémula observava os bilhetes - mas ela não vai deixar. E as tuas coisas?

- Já preparei tudo, seguirão depois para o Porto. Ouve, amanhã, saís sem malas, só mesmo com a tua bolsa de mão, para não dares nas vistas e encontramo-nos na estação. Às dez horas sai o comboio, não te podes atrasar. Deixas um nota no teu quarto a dizer que tinhas de voltar para junto dos teus pais e mais nada.

Inês abanava a cabeça, trincando o lábio, indecisa.

- Eu tenho de ir, Inês. Eu ofereci o meu lugar aqui como médico. E eu não posso ficar sem saber se me queres ou não. À espera todos os dias que venhas, sem saber, se aparecerás.

- Oh Afonso, - Inês começara a chorar outra vez sem conseguir parar.

- Eu tenho dinheiro para o nosso primeiro ano de casados e depois eu consigo outro emprego, noutra cidade. Talvez mais para o interior, mas eu consigo. Mas tens de estar lá, na estação de comboio. Tenho de saber que me queres. Se não estiveres lá, eu saberei que não me queres como eu te quero. Que não queres deixar tudo para trás e partir comigo. E. - Afonso gaguejava agora perante a possibilidade de nunca mais a ver, - e não te incomodarei mais. Prometo\!

Confusa Inês levantou-se e pousou os bilhetes sobre a mesa. Saiu da casa sem se despedir de Afonso, correndo pela noite dentro. Afonso ficou a olhar para a porta escancarada e a pensar no que aconteceria no dia seguinte. Como é que ela poderia duvidar do que eles tinham, do que sentiam um pelo outro? Ficou acordado toda a noite a arrumar o resto das coisas que desejava realmente levar de volta a sua casa de infância. Não conseguiria de qualquer modo adormecer, sempre pensara que tinha encontrado uma boa solução para ele e para a Inês. E a dúvida, de ela poder ou não aparecer, mantinha-o perturbadoramente acordado.

Na manhã do dia seguinte pelas nove horas, Afonso encontrava-se a fechar a porta deixando a chave sobre a mesa para o senhorio. Seguiu para a estação chegando bem cedo e depois de despachar as malas, sentou-se num banco com o jornal sobre a perna, numa tentativa vã de se distrair com as notícias do jornal. Nem reparou que na capa do jornal se escrevia sobre o assassinato que se dera na véspera, a tiro, no Terreiro do Paço, na capital. Olhava constantemente para a porta da estação, ou para o relógio que se encontrava no centro da estação e cujo ponteiro teimava em avançar velozmente para as dez horas.

Ao contornar a esquina para a praça central, olhou para o relógio da igreja. Faltavam dez minutos para as dez da manhã, teria de correr para chegar a tempo à estação, mas chegaria a tempo. Inês sorria que nem uma criança, com os olhos brilhantes de lágrimas de felicidade que teimavam em não parar. Começou a correr em direcção à estação, enquanto pensava em como seria bom ver o rosto de Afonso feliz quando a visse surgir. Fora tudo um disparate. Não percebia como é que podia ter duvidado em fugir com Afonso, o amor da sua vida, o homem

que queria casar com ela, que queria perfilar o seu filho, que lhe dava esperanças de uma vida melhor, que a amava acima de tudo. Como é que podia ter tido dúvidas? Era um conto de fadas, onde ela era a princesa.

O barulho do relinchar dos cavalos surgiu de surpresa. Tudo aconteceu repentinamente. Num momento, encontrava-se a correr por entre as carroças e as pessoas, no outro, ouvira cavalos e vira-se debaixo de uma charrete. Deu por si, com as pernas presas debaixo de algo pesado, estendida no chão. Os gritos e as frases surgiam soltas, sem as conseguir distinguir, apenas pensava em Afonso e no bebé. Queria tanto conhecer Coimbra com Afonso. Inês tentou falar mas o sangue surgiu-lhe na boca em golfadas intensas. Nesse dia cinzento de Outono Inês exalou o último suspiro.

Afonso encontrava-se de pé, nervoso, com o chapéu posto e a olhar, ora para a porta do comboio prestes a partir, ora para a entrada da estação, onde esperava ver Inês a qualquer momento. Deu por si a bater o pé. Iria esperar, iria até à casa do comerciante e exigir vê-la. Tirou o chapéu e limpou o suor da testa, de nada adiantaria, pensou. Ela não o queria. Ele tinha feito tudo o que podia e não podia ficar a dificultar-lhe a escolha. Decidido começou a caminhar em direcção ao comboio, chegou à porta da carruagem e olhou uma última vez para a entrada. Ninguém. Não se encontrava lá ninguém. Sentou-se no seu lugar e assim que o comboio começou a mover-se, Afonso começou a chorar, não iria conter as lágrimas na despedida ao seu grande amor.

## Mariana da Fonseca Antunes Alves Pereira

Cafés, tardes e gelados.

Deixa-me o pensamento, deixa-te destas lágrimas onde escorres. Deixa-te desta vida onde passaste e que agora só deixas mágoa de ter perdido. Deixa-te de mim. Deixa-me as lágrimas, fá-las parar de correr e diz para esquecer. Diz-lhes para esquecerem o teu nome, ou olhar, ou sorriso, ou abraços. Diz-lhes que já não és mais, aliás, diz-lhes que continuas a ser, mas não mais aqui, nem nos meus braços. Diz-lhes que as tardes e gelados e cafés acabaram. Os cafés arderam onde os deixaste. Os gelados derreteram de te esperar. As tardes ficaram apenas na memória do que foi bom.

Para meu bem e mesmo teu, deixa-me deixando-te e fica só na memória do que foi bom. Vai de vez e não voltes, diz-me para te esquecer. Diz às minhas lágrimas e letras para te esquecerem. Não há mais cafés ou gelados, não há mais tardes alegres que nos assistam. Não há mais e diz-me isso. Não há mais e eu não compreendo, ou não quero compreender, como se vai tudo e fica tão pouco. Não compreendo como foste assim, sem adeus ou carta de despedida, e ficaste nestas lágrimas que não pediste. Tu não pediste, mas deixaste-as. Tu, antes, jamais me pedirias lágrimas, mas esse tempo queimou-se com o café. Tu, antes, jamais me pedirias lágrimas, mas esse tempo derreteu-se com os gelados. Os gelados correm agora nestas lágrimas onde, não me afogando, deixo parte de mim.

Ensinaste-me a não ser, a ser, a querer, a ouvir, a escutar, a compreender, a não compreender, ensinaste-me até a escrever palavras bonitas. Ensinaste-me e foste embora sem me ensinar a despedir. Se ao menos nos tivéssemos despedido, estas lágrimas não teriam o peso do teu nome. Se ao menos nos tivéssemos despedido, os cafés apenas se tinham entornado e não se tinham queimado com estas chamas. Chamas que não ardem mas queimam, não só os cafés, como os meus olhos, a minha boca, todo o meu corpo. Chamas onde vieste. Eras chamas e fogo e o teu nome era ardente e agora? E agora? E agora? Os cafés queimados. Os gelados derretidos. As tardes alegres ficaram no passado. Os cafés queimaram-se. Os gelados derreteram-se. As tardes alegres passado se tornaram e tu ainda presente és. Deixa-me, deixando-te.

**Pedro Caius**

**“poema à mãe e outras vidas”**

Mãe, porque é que as palavras duras são mais doces do que duras as doces, e porque é que tanto duram as secas como se desfazem as que eles vendem em apresentações de vinte e oito comprimidos de cristais e tudo se passa num instante enquanto ardemos? Mãe, porque é que os milagres foram substituídos por talidomida? Escrevo-te a estas horas altas para disfarçar. Não quero que no topo da minha página do facebook esteja uma opinião política, mesmo que os meninos da quarta classe ma viessem a apodar de generosa, quero literatura aqui em cima, mãe. Lembras-te de como eu me sentia crescido quando passei para a terceira? Fiquei pequeno de novo, mãe. O recreio é severo. Ainda não consigo ser o mais forte nos domínios dos plátanos. Aflijo-me com os fracos, disse-te que este ano não os deixaria a descoberto, mas ainda não posso, mãe. Ainda fico nas escadas a olhar os grandalhões sobre o pão com marmelada. Quando tenho a boca cheia, desvio os olhos. É nessa altura que os pequenos são gozados e todos se riem. Quase levam os relapsos em ombros. É por isso que quando hoje ler a minha redacção política os meninos do quarto ano me apoiarão sem hesitações. Endorsment. Sabem que não levanto ondas, que sou fiável, mesmo que não concorde com multidões nem me junte a elas. O preço é relevante. Estão lá as meninas mais bonitas, mãe. Que ganho eu em querer fazer coisas com os nerds e as professoras? Tenho de ficar sozinho e disponível a comer o meu pão com marmelada para os grandalhões saberem que não pertenço. Que estou deserto. Livre. Mas escrevo-te, mãe, para te dizer que quero literatura no topo da minha página do facebook. Assim a pouco a minha redacção política, que está por baixo. E digo-te o que importa, minha mãe, e digo-o completamente, e passo da literatura à vida, que a todos serve, por uma vez: vai correr bem, mãe, vai correr tudo muito bem. Afinal, a maior de todas és tu. Mãe. Eu, mais pequeno, vou a caminho da cidade que já não existe. Que vento atrasa ! as faias em Idanha, que sombra adianta as magnólias em Coimbra!, que apneia suspende as areias em Francelos? E os invernos, mãe? Tu a separar-me as galochas de borracha preta e a cingires o meu sorriso ao essencial do sofrimento, as paixões negras, as gaiotas do Don Henley no baptizado do Marco, ninguém na estrada, ninguém na rua, a Joana como o grão do anjo e os corações candentes, o avô a posar com a avó junto ao portão verde e a deixar o BMW de estofos vermelhos de pele na palma da mão. E a trincheira agora. O rasgo na terra, os helicópteros ao longe, haverá resgate? Quem está pior? O escritor está de vísceras, deixá-lo. Mãe, achas mesmo que as raparigas gostam de rapazes altos? E alto, o que é alto, mãe? Davam leite simples e pão com marmelada. Davam felicidade em batas brancas passadas a ferro com vincos. Davam nomes. Bordavam. A Eduarda era padeira. O irmão atirava paralelos à nuca. A Sofia era e já não é. A Dona Laura será sempre. Não está em causa a memória de um. Está a de todos. E no meio de todos cada um tem ao peito o abismo de um! tempo que não volta. Excepto para ti, mãe. Volta para ti a bandolete amarela, a saia curta, o cabelo armado, o stacatto. Uma frase em suspensão. Uma valsa, a tua mão em arco amplo, o corpo delgado. Toma-se nos braços. Roda. E roda. E roda.

**Pedro Miguel Pimentel Rodrigues**

**“Menu Amor”**

Amo-te.

Não te amo de uma forma qualquer, ao tropeção, sem medida, ou ao acaso. Não te amo cada dia mais porque as coisas não funcionam assim. O amor não evolui de amor. Será sempre amor, ou então outra coisa qualquer. Vou-te amando como se ama na vida real: com todos os teus defeitos e os meus à mistura, com todas as conversas em cadeia: as nossas, as dos nossos amigos, as dos amigos dos nossos amigos, as dos amigos dos amigos dos nossos amigos e assim sucessivamente, até ao extremo em que eventualmente nos deixaremos de amar. Vou-te amando em cada palavra dessa cadeia e em cada palavra que te escrevo. Se disser o contrário estarei a mentir, visto que quer queira quer não, sempre que escrevo penso em ti, e cada vez que penso em ti não me consigo excluir. Sinto-me misturado em ti e sinto-te misturada em mim. Não te sei explicar como, nem porquê, mas sinto-nos presos numa camisa-de-forças. E é esta a forma ideal de explicar como nos amamos: amamo-nos numa camisa-de-forças: quanto mais esperneamos, mais nos enrolamos um no outro. Amo-te em todos os detalhes que te fazem mulher o jeito rebelde do teu cabelo, o comprimento do teu sorriso, todos os teus sinais e marcas, o teu aroma a kiwi e coco. Amo quando me tratas bem e não deixo de te amar quando me tratas mal. Amo-te da forma mais difícil de amar: com o coração e as tripas de fora. Não te amo de uma forma infantil, juvenil, ou pré-adulta. Não sou dado a romances de telenovela das seis da tarde, nem aos grandes amores do cinema. O amor não é feito de infinitas utopias. É visceral e acutilante. Se for suficientemente forte, reformulo: se for verdadeiramente real, dará dores de barriga, náuseas, apertos no peito e tremores nas mãos. O amor, o verdadeiro amor, é uma faca de dois gumes. É uma pistola carregada com todas as dores do mundo. Mas só o amor, aquele que é digno das nossas cólicas, vale a pena. Se for para amar, que se ame com um peito de ferro: sem medo. Eu amo-te assim. Sabendo dessa forma que tu também me amas a mim.

Como te disse, hoje não te amo mais que ontem, ou que vou amar amanhã. Não sei quanto tempo ficaremos juntos, mas espero envelhecer ao teu lado. Não te vou jurar amor eterno. Sabes bem que não acredito na eternidade. Juro-te apenas amor. Juro amar-te na mesma quantidade todos os dias. Juro ser a metade que completa o teu sorriso em quarto crescente na minha almofada. Juro-te beijos, carícias, textos. Juro amar-te como se ama na vida real: com tudo o que somos à mistura, presos numa camisa-de-forças.

Amor  
Hoje,  
Até um dia  
Amor

**Sara Rodrigues da Costa**

**“ Abro contigo o livro”**

Abro contigo o livro.  
Abro-o e escrevo um verso.  
No verso deixo-te o meu corpo,  
Em cada palavra a minha alma.

Pensei não abrir o livro  
Mas tu folheaste-o lentamente  
Como quem procura compreender  
Cada palavra, cada vírgula.

E abri-o contigo.  
Folheámos juntos o poema  
que não queria acabar.

Não falaste,  
Não precisavas de falar  
E eu não precisava de ouvir.

O que não foi preciso dizer  
Nasceu com a manhã que nos acordou.

**Sílvia Carla Magalhães das Neves Pinto**

**“POEMA DE AMOR”**

PARAGEM

Precisamente a meio  
De sítio nenhum  
Num local que me era  
Tão reconhecidamente estranho  
Encontrei, sem assento nem abrigo,  
uma paragem.

Nada estava escrito,  
Naquela espécie de lápide esquecida

E eu esperei.  
Veio ao meu encontro a brisa  
Choveu, nevou,  
Sopraram ventos fortes,  
Ciclónicos, devastadores.  
Mas eu mantive-me imóvel  
Na certeza da tua chegada.

Não desisti da minha espera  
E permaneci na quietude do vazio  
Perante uma estrada deserta  
Interminável caminho  
Entre a Ausência e o Nada

Não se ouviam pássaros  
Nem as árvores davam fruto  
Apenas se desprendiam, com uma cor de fogo suave  
As folhas secas dos seus ramos

Esperei.

O sol tórrido queimou  
Impiedoso  
A erva que crescia em redor dos meus pés

E eu esperei.

Esperei sempre.  
Senti-me a ganhar raízes  
Única mobilidade lenta e invisível  
Fusão perene com a terra

E então um pássaro distante  
Pousou sobre o meu ombro  
E no meu ombro fez o seu ninho

Quando se atreveram a voar  
Os frágeis passarinhos  
Ainda estava eu à espera.

E esperei.

Esperei sempre.

Não vieste.

Espero ainda.

**Susana Miguel António**

**“Poema de sentir qualquer coisa”**

É nestes instantes,  
às vezes tão rápidos que são  
quase imperceptíveis,  
às vezes tão longos que são  
quase intoleráveis.  
É nestes instantes,  
sem sons e sem histórias,  
sem vozes nem distrações.  
É nestes instantes  
que me assaltam as tuas imagens confusas,  
em borbotões.  
Nestes instantes,  
elas roubam qualquer coisa.  
De mim.  
Nestes instantes,  
elas deixam um vazio qualquer.  
Em mim.  
Nestes instantes,  
fico despojada  
e sem armas.  
Contra ti.  
E então  
qualquer coisa cresce,  
qualquer coisa se alastra,  
qualquer coisa me invade,  
ocupando o espaço vazio.  
E então  
fico perdida,  
angustiada,  
e tenho vontade de chorar  
(e às vezes choro)  
e sinto que o ar me foge  
e sinto uma dor nem sei bem em que lugar  
e quase tenho vontade de sorrir  
mas não chego bem a tê-la  
porque quando dou por ele  
o sorriso já lá está,  
invadiu-me,  
alastrou-se,  
cresceu em mim.  
E não é bem um sorriso,  
não é bem uma angústia,  
nem é bem uma dor.  
É nestes instantes  
que penso.  
Nestes instantes  
consigo sentir.

E então parece-me que percebo.  
Isto podia ser amor.

**Tatiana Andreia Trilho**

**“Entre o coração...”**

entre o coração ansioso e o coração desgostoso, eu escolhi o coração ansioso  
entre o coração apertado e o coração despedaçado, eu escolhi o coração apertado  
entre o coração magoado e o coração sem te voltar a ver, eu escolhi o coração magoado  
entre o coração desconfiado e o coração desamparado, eu escolhi o coração desconfiado  
entre o coração só com uma perna, um braço, um olho e um coração esmurrado e atropelado,  
eu escolhi o coração que se ficava pela metade  
entre o cérebro e o coração, eu escolhi ficar cega, surda e muda  
entre pisar e esperar por ser pisada, eu escolhi esperar por ser pisada  
entre a miúda corajosa e a miúda apaixonada, eu escolhi a miúda apaixonada  
entre abrir os olhos ou abrir a boca, eu escolhi, mais uma vez, abrir o coração  
entre a vítima e a culpada, eu escolhi a vítima e saí culpada  
entre ser forte ou fraca, eu simplesmente não escolhi e deixei-te ser forte por mim  
entre o meu coração e o teu, eu escolhi o teu  
entre o meu sofrimento e a minha felicidade, eu escolhi a minha felicidade  
mas tu não.  
por isso agora entre o coração vazio e o coração a doer, eu escolho o coração vazio.